

Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros

Prof. Ms. Maria Anória de Jesus Oliveira¹ (UFPB)

Resumo:

O presente trabalho resulta de estudos anteriores na área literária, e visa à análise de narrativas afro-brasileiras infanto-juvenis contemporâneas, cuja tessitura dos personagens negros seja inovadora. Para tanto realizamos pesquisa bibliográfica e nos norteamos na teoria, crítica literária e em contribuições da área de Ciências Sociais e Humanas. Até então, com base nas obras publicadas entre 1997 e 2007 identificamos inovações literárias, haja vista o predomínio das seguintes tendências temáticas: 1) a rememoração de lideranças negras da África e diásporas; 2) a cosmovisão das religiosidades de matrizes africanas; 3) o universo cotidiano de famílias negras. Por outro lado notamos, também, a coexistência, de obras eivadas de estereótipos em face aos personagens negros por meio da ilustração e/ou do texto verbal no mercado editorial.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil, personagens negros, narrativa, Lei 10.639/03.

Colocando a questão das identidades no interior da linguagem, isto é como ato de criação lingüística, a literatura, como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentido, torna-se um *lócus* propício para a enunciação ou para o apagamento das identidades.

(Conceição Evaristo, 2007, p. 7)

1. Introdução (Literatura infanto-juvenil e a Lei 10.639/03)

A literatura infanto-juvenil brasileira tem se configurado, historicamente, sob o viés eurocêntrico, inclusive no período de seu apogeu: anos 80, quando da inserção quantitativa de protagonistas negros. No entanto, após a implementação da Lei 10.639/03¹, através da qual se alterou a LDB 9.394/96, urge a necessidade de selecionar produções que rompam com a tendência à estereotipia dos referidos personagens. Mas, quais seriam tais produções? E, em que consistiria a inovação das mesmas na atualidade? Eis as questões cruciais a serem (re)pensadas cautelosa e cuidadosamente, o que demandará sensibilização e conscientização nossa, no tocante à complexidade das relações étnico-raciais no Brasil.

As relações étnico-raciais em nosso país têm sido marcadas, historicamente, por profundas desigualdades sócio-econômicas, haja vista a perpetuação do racismo no seio social, realimentado ao longo do tempo por diversas facetas e dissimulações como, por exemplo, o mito da democracia racial² e o eurocentrismo curricular. Emerge, daí, a sua propagação e desdobramentos no espaço escolar³,

¹ Recentemente (abril/2008), através da Lei 10.639/03 incluiu-se também o ensino da História e Cultura Indígena no ensino brasileiro, pelo menos oficialmente.

² Conforme evidenciam os pesquisadores da área, entre estes destaco: Munanga (1999), Bento (2000), Nascimento (2002), Moore (2007) e Diwan (2007).

³ O que é constatado por Silva (2001), Romão (1997), Cavalleiro (2001), Pereira (2001), Araújo (2000) e Gomes (1995).

nas relações sociais, na mídia, nas artes e na literatura⁴. Diante desse quadro geral, enfrentaremos grandes desafios para fazer valer a Lei Federal 10.639/03, em virtude da carência de docentes na área das relações étnico-raciais e, também, da parca publicação e circulação de materiais didáticos, teóricos e literários pertinentes à demanda atual, que é primar pela valorização e ressignificação da história e cultura africana e afro-brasileira, sem cair nas teias enredadas pelo *racismo à brasileira*⁵.

Não basta, portanto, a mera inclusão no mercado editorial e no espaço escolar de produções literárias que apresentam protagonistas negros (as), ou que delineiam as religiosidades de matrizes africanas, a cultura afro-brasileira, o continente africano e temáticas afins. Diante da propagação da inferiorização do segmento étnico-racial negro nos materiais didáticos e na literatura, mais ainda se faz necessário, na atualidade, redobramos a atenção em relação às produções nesse enfoque, pois, em virtude da lei 10.639/03, a tendência é que haja investimento no mercado editorial, culminando com publicações e reedições nem sempre elaboradas com a devida qualidade estética e temática, no tocante à história e cultura africana e afro-brasileira, conforme exigência das Diretrizes Curriculares Nacionais (2005) que regulamentam a aludida lei.

É importante, aqui, destacar a relevância da alteração da LDB 9.394.96, após inclusão da referida Lei (10.639/03), e endosso que o problema não está nela que, aliás, foi sancionada tardiamente, conforme evidencia Santos (2005). Meu propósito é chamar a nossa atenção para a necessidade de efetivarmos um estudo criterioso dos materiais didáticos que abordem a temática das relações étnico-raciais, da história e cultura africana e afro-brasileira. Nisso consiste um dos grandes desafios na atualidade. Eis o foco do presente artigo, mas tomando como eixo de reflexão a literatura infanto-juvenil.

Então, para adentrar na seara literária infanto-juvenil, sob o viés da temática étnico-racial, realizei pesquisa bibliográfica e me norteiei na crítica e na teoria literária, considerando as *relações internas e externas* do texto literário, conforme propõe Sônia Salomão Khéde (1992), e em respaldos crítico-teóricos oriundos da *Negritude* (CÉSAIRE, 1978), por meio dos quais torna-se possível entender a busca de afirmar, resgatar e valorizar a identidade negra na diáspora africana.

A perspectiva de personagens que embasa as teias do presente texto segue a acepção de Antonio Candido (1992). Assim sendo, levei em conta os “[...] pormenores esquematizados” que dão “aparência real à situação imaginária” (CANDIDO, 1992, p 29), a saber: o espaço social e demais elementos constitutivos em face da tessitura dos personagens na literatura infanto-juvenil.

Vale esclarecer, *a priori*, que embora haja diversas interpretações em relação ao termo *negritude*, assim como evidenciado por Munanga (1988), Bérd (1987, 1988), Fonseca (2006) e Carrilho (1975), nos deteremos apenas àqueles mais pertinentes ao nosso intento. Logo, não caberá, aqui, trazer à tona as respectivas polêmicas conceituais e ideológicas que tal conceito suscita ainda nos dias de hoje. Tomarei como base, então, as acepções basilares que mais possibilitem identificar até onde determinados personagens estão em consonância com os propósitos de ressignificação e valorização das identidades negras⁶.

2. *Negritude*: esboçando algumas acepções

⁴ A esse respeito consultar Evaristo (2007), Jovino (2006), Souza (2006), Abramovich (1990), Lima (2005), Oliveira (2003;2007), Rosenberg (1984) e Brookshaw (1983)

⁵ O termo *racismo à brasileira* aqui é utilizado na perspectiva das Ciências Sociais, à luz de Teles (2003) e de Munanga (1999). Estes dois pesquisadores, entre outros da área, reconhecem a singularidade do racismo no Brasil em virtude do propalado mito da democracia racial, a partir dos anos 30 (século XX), sob a égide do pensamento de Gilberto Freyre. Com isso durante muito tempo a desigualdade social entre negros e brancos no país era justificada por fatores econômicos e não pelo racismo corrosivo vigente no seio social.

⁶ Identidades negras aqui é entendida não como algo fixo, mas como um processo de identificação constante que se dá na relação social (CAVALLEIRO, 2000)

Carrilho (1975) em “Sociologia da negritude” tece considerações sobre a origem da *Negritude*, e aponta seus desdobramentos da na América, na África e no Haiti. Essa pesquisadora considera que Blyden (Estados Unidos) foi o primeiro defensor da “personalidade negra” (1975, p. 66).

Para Carrilho (1975, p. 59) a *Negritude* é “um movimento cultural ou ideologia política, é uma forma particular daquela consciência muito vasta, presente na história do povo de origem africano a partir dos ‘descobrimentos’ e cujo início seguro é eurísticamente indeterminável”. Tal movimento configurou-se a partir da “consciência de pertencer a uma categoria de indivíduos [...] classificados pela cor da pele”. A autora complementa ainda que essa “consciência nasceu gradualmente, à medida que os africanos foram vendo que lhes era imposto um sistema de hierarquia exterior, que se sobrepunha ao seu, desmantelando-o e envolvendo-o”. Surge, assim, o combate ao sistema cultural imposto pelo colonizador.

Munanga (1988, p. 36 a 43) destaca, nos Estados Unidos, Dr. Du Bois e Langston Hughes “o pai da Negritude e o representante do movimento conhecido sob o nome de renascimento Negro”. E, nessa linha de pensamento, além destes Figueiredo e Fonseca (2002, p. 11) destacam, do movimento da *Negritude* “o martiniquense Aimé Césaire, o guianense Leon Damas e o senegalês Leopold Sédar Senghor”.

Negritude, conforme Munanga (1988, p. 6-7), correspondeu a “uma reação. Legítima defesa ou racismo anti-racial”. Logo, “não deixa de ser uma resposta racial negra a uma agressão branca de mesmo teor”. Para o aludido estudioso, poderia nascer “em qualquer país onde houvesse a presença de intelectuais negros, como também nas Américas ou na própria África”. De acordo com seu ponto de vista, essa “retomada existiu em todos esses lugares, mas sem um nome. Por coincidência histórica, o grito do negro que vivia humilhações tem seu grito em Paris, na França, na década de trinta, talvez devido à política colonial francesa”. Política essa “baseada intensamente na assimilação cultural do colonizado”.

A recusa à assimilação por parte do negro decorre, portanto, da percepção de sua marginalização e rejeição social, já que por mais que procurasse imitar os brancos, não conseguia lograr a igualdade e respeito almejado. Surge daí a “revolta”, ao notar que “a verdadeira solução dos problemas não consiste em macaquear o branco, mas em lutar para quebrar as barreiras sociais que o impedem de ingressar na categoria de homens”. Deixando-se de lado a “assimilação, a liberação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma” (MUNANGA, 1988, p. 32). Ou seja,

Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiúra como qualquer ser humano “normal” (MUNANGA, 1988, p. 32).

Em outras palavras, se o branco era o padrão de beleza interessa, a partir de então, um voltar a si mesmo, à história e memória social, ao conhecimento científico, às singularidades locais, à beleza da mulher negra, às lutas heróicas, dores e alegrias do homem negro. Eis, assim, a força que impulsiona o resgate da Mãe África, espoliada, arrasada, temerosa e destemida, forte, farta, ferida, brava nos cantos e contos poéticos de seus descendentes nas diásporas.

Nos anos 70, conforme explica Munanga (2005, p. 138) há, no Brasil, a retomada da luta anti-racista pelas entidades dos movimentos negros. E novas perspectivas emergem: a valorização e afirmação dos valores africanos. Eis outros fios daquele laço emocional que uniu os movimentos negros brasileiros e os nossos predecessores da África e diásporas, o que evidencia a maturidade e a conseqüente busca de valoração das raízes africanas. Afinal, tais movimentos estavam “enriquecidos

pela experiência dos movimentos anteriores (FNB, TEN⁷ e outros) além dos movimentos negros americanos [...] o Panafricanismo”, “africanismos” e a “Negritude”, pois,

Contrariamente aos movimentos anteriores, cuja salvação estava na assimilação do branco, ou seja, na negação de sua identidade, eles investem no resgate e na construção de sua personalidade coletiva. Eles se dão conta de que a luta contra o racismo exige uma compreensão integral de sua problemática, incluída aí a construção de sua identidade e de sua história, contada até então apenas do ponto de vista do branco dominante”. (MUNANGA, 1988, p. 138)

É esse também a tônica da *Negritude* (re)afirmada pelos predecessores da África e diásporas, herdada, cantada e recontada pelos escritores dos *Cadernos Negros* e outros poetas autônomos da diáspora africana, e de uns poucos autores cujas publicações resistiram e romperam os limites e imposições do mercado editorial elitista e eurocêntrico (FONSECA, 2006; BÉRDND, 1987), possibilitando-nos um (re)encontro com aquela outra face de nossa história e memória, delicadamente tecida sob os tênues fios da linguagem poética⁸.

Conforme Cuti (2002, p. 28)⁹ almejamos o “*reconhecimento e revalorização da herança cultural africana*” através da “*escrita literária [...] assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo*”. Mundo esse que, apesar de espoliado e negado, ressurgiu expressando a *negritude* que nunca se deixou calar. Ecoou quase inaudível há séculos e, com uma voz retumbante chegou a nós. Ultrapassou barreiras. Outras tantas há a ultrapassar e, quiçá, não se perca em meio à confusão conceitual, assim como grande parte de uma identidade Ancestral que hoje buscamos resgatar. Eis mais uma importante questão para (re)pensarmos. E a literatura tem, a meu ver, um papel preponderante nessa empreitada.

3. Personagens negros na tessitura literária infanto-juvenil: visão panorâmica à luz de estudiosos da área

Na produção literária infanto-juvenil brasileira, Gouvêa (2001) e Rosemberg (1985), a primeira referindo-se ao período anterior e durante Lobato, e a segunda detendo-se sobre o período de 1955-1975, observaram o quanto se veicularam visões estereotipadas e depreciativas do negro por meio da literatura. E isso exprime um olhar imbuído do “racismo científico”, quando da elevação do branco como o representante da “espécie humana” e, ao contrário, o negro é caracterizado à margem da sociedade (ROSEMBERG, 1984). Será que houve mudança significativas até então? Vejamos a seguir.

Tendo em vista doze narrativas literárias publicadas nos anos 80¹⁰, foi constatado que: 1) os protagonistas negros são, em grande maioria pobres; 2) os protagonistas brancos mesmos pobres, são tecidos em condições superiores aos negros; 3) as mães dos protagonistas negros desempenham atividades profissionais de domésticas; 4) em contrapartida, as personagens brancas, sejam elas antagonistas, secundárias ou figurantes, são caracterizadas em funções ou ações intelectuais e/ou profissionais superiores às negras; 5) alguns personagens negros são imersos em um universo de doença, subsistência, fome, morte, perseguição, solidão, rejeição, inferiorização mas, também, de coragem, luta, integridade, criatividade, esperança, perseverança e resistência; 6) os brancos simbolizam a superiorização, proteção, perseguição, bondade, maldade, instrução e poder. Eis algumas palavras a serem redimensionadas nas tramas das histórias, eis as fendas que se abrem nas publicações literárias de 1979 a 1989.

⁷ As siglas correspondem à Frente Negra Brasileira (FNB) e ao Teatro Experimental do Negro (TEN).

⁸ Refiro-me aos escritores/poetas: Luis Silva (Cuti), Eduardo Oliveira, Esmeralda Ribeiro, Jônatas Conceição, Lande Onawale, Miriam Alves, Cristiane Sobral, J. C. Limeira e Semog.

⁹ Grifos meus para destacar as idéias que quero dar relevância.

¹⁰ Ver Oliveira (2003).

Os personagens negros são, em algumas narrativas, o *outro*, o “estrangeiro”, aquele que é “estranho” em determinados espaços sociais. É aquele que resiste, persiste, cai, levanta, segue. É o “moreno” (NS)¹¹, é o “coisa ruim”, o “ruim de raça” (DNF). Ele assume “a postura de rei” (ACT). É visto como o “pivete” (SV), é aquele que diz não saber “conversar direito”, é o “sujo”, aos olhos do branco (TC, p. 52), é o escravo triste (AHGM), é “menino marrom” (OMM), é a menina bonita (MBLF), é, também, um ser que “queria saber do céu de dentro” (ACT). É dessa rede intrincada de ações, sensações, funções e caracterizações que emergem os personagens negros da literatura infanto-juvenil brasileira, quando da sua eclosão no mercado livresco, os anos 80. Ou seja, embora tais produções tenham sido significativas para a inserção dos protagonistas negros na literatura infanto-juvenil configurando, desse modo, a inovação na época, na atualidade urge a necessidade delinearlos em diversos papéis sociais, transcendendo apenas a denuncia do racismo, da discriminação sócio-racial e econômico, e/ou a exaltação da mestiçagem e da democracia racial, conforme sugere as narrativas *O menino marrom*, de Ziraldo (1986) e a *menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (1986). Para melhor entender isso, é importante que nós, educadores (as), tenhamos consciência das singularidades do *racismo à brasileira* (TELES, 2003), da sua (re)construção histórica (MOORE, 2007) e da busca constante, por parte dos grupos hegemônicos, de promover o embranquecimento da nação brasileira ao longo dos tempos (MUNANGA, 1999; DIWAN, 2007).

Se nos reportarmos às acepções da *Negritude* enquanto movimento de busca de afirmação da identidade negra, na diáspora africana e ao desdobramento no Brasil, através de estudiosos e escritores negros¹², a literatura infanto-juvenil, pelo que consta, não seguiu essa trajetória, como um movimento de produção artística. O que houve (e há ainda nos dias de hoje) são produções individuais, e poucos escritores voltados, preferencialmente, para a tessitura de protagonistas negros, alguns destes são Joel Rufino dos Santos, Heloísa Pires Lima, Geny Guimarães, Júlio Emílio Braz, Inaldete Pinheiro Andrade, Aroldo Machado, Petrovich & Machado, Rogério Andrade Barbosa.

Há escritores que, entre suas produções, também publicam narrativas contendo personagens protagonista negros, são eles: Ana Maria Machado, Ziraldo, Lúcia Pimentel Góes, Jonas Ribeiro, Mirna Pinsky, Ganymédes José, Luís Galdino e Giselda Laporta Nicoelis, Carla Caruso¹³. Uma autora desconhecida, quer dizer, não aludida pela crítica, cuja obra é belíssima, é Geogina Martins¹⁴.

Há, ainda, no mercado editorial, produções mais recentes, quer dizer, dos anos 90 para cá, inclusive estrangeiras, reeditadas no Brasil. São os livros de Gercilga de Almeida, Trish Cooke, Sylviane A. Diouf, Julius Lester e Marie Sellier. Nessas produções só há personagens e protagonistas negros e prevalece o espaço social africano principalmente, e americano (em uma obra: *Tanto, tanto!*). São produções que requerem análises mais detalhadas, mas que, a princípio, sugerem inovações em face dos personagens, os quais rompem com ideários racistas e inferiorizantes, conforme prevaleceu até os anos 80 (OLIVEIRA, 2003).

Da nova safra de produções vejamos, em síntese, os tópicos centrais que configuram a inovação das mesmas.

Obra: literá- ria/título/autoria	Temática principal	Espaço social	Personagem: função	Ilustração
<i>Tanto, tanto!</i> (COOKE, 1994).	Cotidiano familiar	Estados Unidos, Possivelmente (?)	Protagonista	Sem caricatura

¹¹ As siglas correspondem a abreviaturas das narrativas analisadas.

¹² Refiro-me a Cuti (2002); Figueiredo (2006); Souza e Lima (2006) e Oliveira (2006)

¹³ É óbvio que há outros escritores, inclusive, desconhecidos, não aludidos pela crítica literária, então a lista acima não dá conta de todos, relacionei alguns cujas obras foram – ou são – estudadas em minhas pesquisas.

¹⁴ Esse livro: *Fica comigo!* Ganhou o Prêmio “Adolfo Aizen”: Menção Honrosa”, da União Brasileira dos Escritores.

<i>Histórias da preta</i> (LIMA, 1998)	Identidade negra: auto-estima; cosmovisão africana	África/Brasil	Protagonista, Associada a um <i>griot</i> ¹⁵	Sem caricatura.
<i>A cor da ternura</i> (GUIMARÃES, 1998)	Identidade negra: auto-estima; Relação familiar	Brasil/zona rural	Protagonista	Sem caricatura, Belíssimas.
<i>Fica comigo!</i> (MARTINS, 2001)	Relação familiar (mãe/filho)	Indefinido	Protagonista	Sem caricatura, Belíssimas
<i>As tranças de Bintou</i> (DIOUF, 2004)	Identidade negra: auto-estima. Relação familiar	África	Protagonista	Sem caricatura, Belíssimas

As narrativas relacionadas acima tecem várias faces dos protagonistas negros, os quais vivenciam crises existenciais (*Histórias de preta*, *A cor da ternura*), os situando em diversos espaços sociais: África, Brasil, Estados Unidos e em espaço não possível de se identificar (*Fica comigo!*), deixando a cargo do leitor interpretar e redimensionar tais espaços. Os protagonistas não são delineados em papéis de subserviência e passividade, conforme prevaleceu até os anos 80 (OLIVEIRA, 2003; LIMA, 2001) e correspondem, portanto, a seres ficcionais que podem ser associados ao universo do leitor em suas questões diversas preterindo-se, assim, a marca da inferiorização. Nesse sentido, se aproximam dos propósitos do movimento da *negritude*, no que tange à ressignificação e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira..

4. Considerações (in)conclusivas...

Para evidenciar a complexidade e o cuidado que precisamos ter diante das produções literárias infanto-juvenis, tendo em vista a tendência à estereotipia do personagem negro, trago à baila duas produções estrangeiras, publicadas no Brasil, as quais merecem um estudo atento, pois são recentes e ainda desconhecidas, grosso modo, do contexto escolar. Refiro-me aos seguintes livros: *As tranças de Bintou* (DIOUF, 2004) e *A África, meu pequeno Chaka* (SELLIER, 2006).

A princípio é possível inferir que se trata de produções inovadoras em relação à caracterização e ilustração dos personagens negros, por corroborarem para a valorização e ressignificação da *negritude*, dentro do viés de ruptura com a inferiorização dos seres ficcionais delineados, *a priori*, positivamente. O espaço social é a África, e os mais velhos são a fonte de sabedoria, os infantes são astutos, ativos e altivos, e a ilustração não é caricaturada nos dois textos, mas há diferenças que merecem destaque.

Em *As tranças de Bintou* se apresenta uma personagem criança vivenciando conflitos existenciais por conta dos “birotos”. Mas, através da avó ela *Bintou*, aprende a gostar dos cabelos, com os “birotos” enfeitados, torna-se uma heroína pela astúcia ao ajudar a salvar duas crianças que estavam se afogando. As ilustrações são belíssimas, e *Bintou* nos encanta ao se identificar e dizer que seu “sonho é ter tranças”. Que seu cabelo é “curto e crespo”. E seu desejo é ter tranças, semelhantes às dos adultos. Interessa observar que é a avó quem a ajuda a fortalecer a identidade negra de *Bintou*.

Um outro livro não aludido aqui é *A África, meu pequeno Chaka* (SELLIER, 2006). Neste encontramos uma ilustração muito bela, e é de uma sensibilidade pungente a maneira como se descreve a relação entre a criança e o avô, sua fonte de sabedoria e de encontro com a Ancestralidade africana. No entanto, ao final do livro há a associação “coração claro: leite”, referindo-se à bondade do espírito dos antepassados negros. E, ao contrário, o “Céu negro”, associado a algo “pesado”: o ar irrespirável”, no caso e “a seca”. A partir desse pequeno exemplo podemos notar que, mesmo em uma obra que traz à tona a cosmovisão africana e seu espaço social, em *A África, meu pequeno Chaka* se deixa a desejar, por conta da associação: positividade/branco (associado ao leite, alimento vital ao ser hu-

¹⁵ Pois é ela quem tece histórias do continente africano e seus personagens e, ao mesmo tempo, sua história vai sendo delineada, seus questionamentos identitários, dúvidas, angústias, sonhos, etc.

mano, à espiritualidade, na obra) e, ao contrário: negro/negatividade/morte (carência de água, sem a qual o ser humano morre, ficando “sem ar”, sufocado), apesar de serem os mais velhos a fonte de sapiência no texto e de a instrução ser belíssima, resgatando as esculturas africanas, reitero. Ou seja, se há inovação em termos de ilustração, do protagonismo negro, do espaço sócio-cultural, da cosmovisão africana de um lado, de outro comete-se um deslize, reforçando ideários seculares: branco/positividade, negro/negatividade.

A literatura, não esqueçamos, pela sua capacidade de projeção a universos distantes, tem um papel significativo na empreitada de contribuir para redimensionar nosso olhar em face de nós mesmos e do universo circundante. Então, que saibamos fazer uso dela, com vistas à conscientização e sensibilização dos/as educadores/as que, dependendo de seu ponto de vista, podem ajudar a (de)formar ou (des)construir a identidade negra tão bela, rica e diversa, como as demais. Eis um dos grandes desafios, nessa conquista e luta, no tocante à implementação da Lei Federal 10.639/03.

Referências

- ABRAMOVICH, Fany. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1991.
- ANDRADE, Inaldete P. de *Racismo e anti-racismo na literatura infanto-juvenil*. Recife: Etnia Produção Editorial, 2001.
- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: SENAC, 2000.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Cidadania em preto e branco: discutindo as relações raciais*, São Paulo: Ática, 2002.
- BÉRND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BÉRND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BLOCH, Pedro. *Dito, o negrinho da Flauta*. São Paulo: Moderna, 2002 (DNF) *
- BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CAPELÃO, Maria Armanda. *Neco, o sonhador*. São Paulo: Paulinas: 1999. (NOS) *
- CARRILHO, Maria. *Sociologia da Negritude*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e anti-racismo na Educação*. São Paulo: Summus, 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar*. São Paulo: Contexto, 2000.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- COOKE, Trish. *Tanto, tanto!* São Paulo: Ática, 1994.
- DIOUF, S. A. *As tranças de Bintou*. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, SECAD/MEC, Brasília, 2005.
- DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.
- DRUMOND, Amorim. *Xixi na cama*. São Paulo: Comunicações, 1985 (XC) *
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.
- FIGUEIREDO, Maria do Carmo L. e FONSECA, Maria Nazareth S. *Poéticas Afro-Brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza, PUC-MG, 2002.

- FONSECA, Maria Nazareth. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- GALDINO, Luiz. *Saudade da Vila*. São Paulo: Moderna, 2002 (SV) *
- GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo horizonte: Mazza, 1995.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. São Paulo: FTD, 1998 (ACT) *
- JOSÉ, Ganymédes. *A história do galo Marquês*. São Paulo: Moderna, 1991 (AHGM) *
- JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006
- KHÉDE, Sônia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1990.
- LIMA, Heloísa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, K (org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.
- LIMA, Heloísa P. *Histórias da preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.
- MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. São Paulo: Melhoramentos, 2001 (MBLF) *
- MADRUGA, Elisalva. “O despertar do negro” In: *Nas trilhas da descoberta. A repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1988, pp. 57/98.
- MOORE, Carlos. Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo no Brasil. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2007.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude. Usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.
- MUNANGA, Kabengele. *A redemocratização de 1945 e a crise do mito de democracia racial: uma vista panorâmica*. In. SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade (Org.). *A República e a questão do negro no Brasil*. Rio de Janeiro, Museu da república, 2005 (pp. 131/140).
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. Salvador: Ceao/UFBA, 2002.
- NICOÉLIS, Laporta. *Um sinal de esperança*. São Paulo: Moderna, 1995. (USE) *
- OLIVEIRA, Márcia Vilela Moura de. *João que semeava flor e cantava o amor*. São Paulo: Paulinas, 1990 (JSFCA) *
- OLIVEIRA, Maria Anória de J. “Relações étnico-raciais na educação e a literatura infanto-juvenil: nas veredas da Lei 10.639/03?!” in. LINS, Juarez Nogueira et al. (Org). *Linguagem e Discussões Culturais*. João Pessoa-PB, Editora dos Organizadores, 2006, Volume 1 p. 285 -303.
- OLIVEIRA, Maria Anória de J. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.
- OLIVEIRA, Maria Anória de. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: percorrendo os tênues fios das suas tessituras. In. JOACHIM, Sébastien (Org). *II Cidadania Cultural:*

- diversidade cultural, linguagens e identidades*. Vol. I, Campina Grande-PB, outubro, Editora dos Organizadores, 2007, pp.245-261.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida e GOMES, Núbia P. de Magalhães. *Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, PUC-MG, 2001.
- PINSKY, Mirna. *Nó na Garganta*. São Paulo: Atual, 1991 (NG) *
- RESENDE FIHO, José e BRASIL, Assis. *Tonico e Carniça*. São Paulo: Ática (TC) *
- ROMÃO, Jeruse. “Samba não se aprende na escola”, in. ROMÃO, Jeruse e LIMA, Ivan Costa (Org.). *Negros e currículo*. Florianópolis, no. 2, Núcleo de Estudos Negros/NEN, 1997 (Série Pensamento Negro em Educação), pp.19-38..
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.
- SANTOS, Sales, Augusto dos. “A Lei no. 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro”, in. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal no. 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/SECAD-MEC, Brasília, 2005.
- SELLIER, Marie. *A África, meu pequeno Chaka...* São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.
- SILVA, Ana Célia da. *As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes*. 2001, Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFBA, Salvador, 2001.
- SILVA, Ana Célia. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: CEA/CED, 1995.
- SILVA, Luis (CUTI). *O leitor e o texto literário afro-brasileiro*. In. FIGUEIREDO, Maria do Carmo L. e FONSECA, Maria Nazareth S. *Poéticas Afro-Brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza, PUC-MG, 2002 (pp. 19 a 36)
- SOUSA, Andréia de. “*Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos*”. In. CAVALEIRO, Eliane (org.) *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.
- TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003.
- ZIRALDO, *O menino marrom*. São Paulo: Melhoramentos s/d. (OMM) *

¹ Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Doutoranda em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Hélder Pinheiro (UFPB/UFCG) e co-orientação da Prof. Dra. Elisalva Madruga Dantas (UFPB).
E-mail: anoriaoliveira@yahoo.com.br, anoriaoliveira@uneb.br